



CARTILHA DE
FORMAÇÃO EM
**ACESSIBILIDADE
ATITUDINAL**

SUMÁRIO

Apresentação.....	4
Orientações Amplas.....	6
Deficiência Auditiva.....	13
Deficiência Visual.....	15
Deficiência Física.....	19
Deficiência Intelectual.....	22
Quer saber mais ?.....	24
Processo formativo e criativo das ilustrações da cartilha.....	25
Ilustradores.....	27
Redes Sociais de Protagonistas DEFs.....	28

Essa publicação é uma apresentação do Governo do Ceará, através da Secretaria da Cultura (SECULT), por meio do Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), gerido pelo Instituto Dragão do Mar (IDM) e conta com os recursos do Fundo de Combate à Pobreza (FECOP).



FECOP

FUNDO ESTADUAL
DE COMBATE
À POBREZA



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

APRESENTAÇÃO

Essa cartilha é composta de alguns textos originados de formação e compartilhamento de ideias, fatos, experiências de diferentes pessoas com e sem deficiência que contribuíram com o evento “Nada sobre nós sem nós” de 2020, por meio da Escola de Cultura e Artes do Centro Cultural do Bom Jardim (CCBJ), equipamento da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, gerido em parceria com o Instituto Dragão do Mar (IDM).

Para além de um evento, temos construído um acontecimento anual, a fim de refletirmos o que constantemente temos aprendido, ratificando sempre a participação das PcD nas decisões que lhe dizem respeito, as quais precisam e devem ter sua plena participação.

O CCBJ se compromete a partilhar e desenvol-

ver junto com a comunidade uma política dos direitos humanos, da diversidade e do acesso. Ademais, pretendemos ampliar a cada ano o engajamento e participação de PcD em nossos cursos, oficinas, aulas abertas e entre os profissionais prestadores de serviço.

Atualmente, o Brasil possui uma legislação que rege os direitos da PcD. Vale-se, também, de um Estatuto que orienta a

LBI (Lei Brasileira de Inclusão) e ambos reverberam o que nossas vozes cotidianamente gritam: um mundo mais respeitoso com as PcD, acessível, democrático e, antes de tudo, anticapacitista.

Aqui, tentamos otimizar em perguntas, respostas, dicas, modos de agir e acionar o anticapacitismo, seja em nossas falas, escutas, ações



ou aproximações. Assim, almejamos que todos os leitores ajudem a divulgar novas práticas e discursos sobre a deficiência, desfazendo esse grande abismo que nos atormenta e destitui a diversidade e possibilidades dos diferentes modos de existir no mundo.

Ao final, disponibilizamos links que consideramos importantes e complementares às informações aqui apresentadas, além de redes sociais de diversos artistas e profissionais brasileiros que fortalecem o ativismo com as causas das PcD.

Alcançamos com esse acontecimento-cartilha um pouco do que confere à luta das PcD,

em nível micro e macropolítico, e pretendemos a cada edição provocar mais discussões diálogos, perguntas e respostas que nos favorecerão ao que chama a ativista Mia Mingus de uma intimidade acessibilizante/ acessibilizadora: “aquela sensação vaga e difícil de descrever quando alguém “entende” as suas necessidades de acessibilidade.

Trata-se daquele conforto misterioso que o seu ser-deficiente sente com alguém meramente no nível de acessibilidade.”

João Paulo Lima

ASSESSORIA DE ACESSIBILIDADE CCBJ



ORIENTAÇÕES AMPLAS

- **Como chamar, abordar ou se referir a uma pessoa com deficiência?**

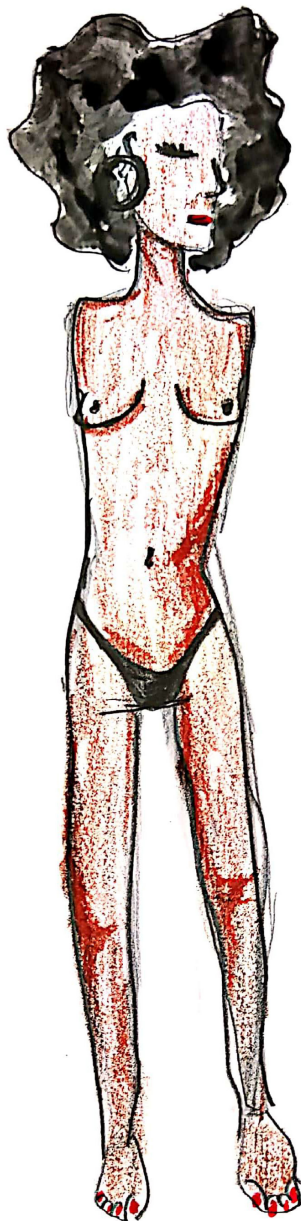
Pelo nome.

- **Como perguntar o nome da pessoa com deficiência?**

Como perguntamos para qualquer outra pessoa:
“Como é o seu nome?” ou
“Como você se chama?”

- **Como ajudar uma pessoa com deficiência?**

Pergunte primeiro: “Você precisa de ajuda?”. Se a resposta for “não”, não ajude, pois essa pessoa não precisa de ajuda e também não precisa se ofender com isso. Lembrando que “não é não” precisa estar valendo para todos os corpos. Mas, se a resposta for “sim”, pergunte: “Como posso ajudar?” ou “Qual é a melhor maneira de te ajudar?”



■ Como perguntar se a pessoa nasceu ou adquiriu a deficiência?

Se não tiver intimidade, não pergunte. Muitas pessoas já nascem com uma deficiência, outras adquirem por doenças (Catapora, AVC, Chikungunya, Meningite, COVID-19, traumatismos, intoxicações...), outras por acidentes ou até mesmo violências e agressões. Essa pergunta pode ser invasiva se você não tiver o mínimo de contato, convivência ou intimidade com a pessoa.

■ O que é uma deficiência?

A deficiência é uma característica da pessoa. Por isso, não chamamos de deficientes ou de pessoas deficientes. O termo correto é Pessoa com Deficiência, e dentro mesmo da deficiência, ainda há vários tipos: deficiência auditiva, deficiência visual, deficiência física, deficiência intelectual e deficiência múltipla. É importante também ressaltar que a deficiência é apenas uma parte de tantas características que formam uma pessoa.

■ Como perguntar sobre a deficiência da pessoa?

Primeiro, é preciso se perguntar, “pra que eu quero saber sobre a deficiência da pessoa?” Se for só por curiosidade e não houver intimidade entre ambas as partes, não pergunte. Se esse dado for necessário para uma pesquisa ou levantamento de dados, explique, e, se houver abertura, em seguida pergunte “Qual a sua deficiência?”



■ **Deficiência é doença?**

Não. Mas a deficiência pode ser adquirida por uma doença.

■ **O oposto de pessoa com deficiência é pessoa normal?**

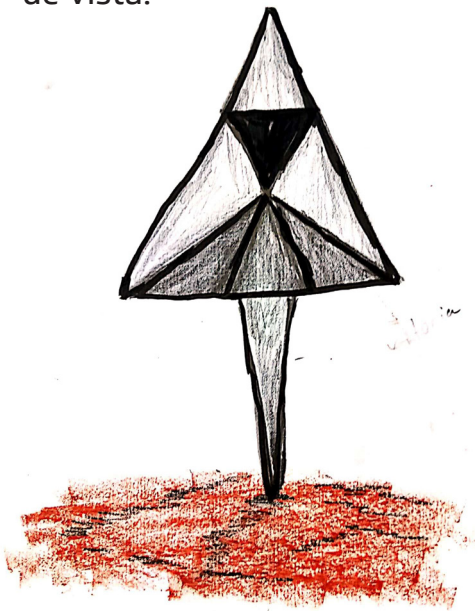
Não. Até porque a normalidade é uma ideia, uma utopia, uma vez que o normal nem exista, de fato. A normalidade e a padronização são frutos de uma construção social que a civilização idealizou para alcançar a aceitação e o sucesso através da beleza, da saúde, da força, da funcionalidade e do capital. O oposto de pessoa com deficiência é pessoa sem deficiência. O oposto de pessoa surda é pessoa ouvinte. O oposto de pessoa cega ou com baixa visão é pessoa vidente.

■ **Existe deficiência invisível?**

Sim. Epilepsia, fibromialgia, espondilite, autismo, dislexia são alguns exemplos de deficiência invisível.

■ **Existe uma pessoa com mais ou menos deficiência que a outra?**

Não. Não existe uma pessoa com uma deficiência maior ou menor, nem muito menos uma deficiência melhor ou pior. Uma mesma deficiência pode se manifestar ou ser percebida de diferentes maneiras, a depender da pessoa e também pode evoluir (ou não) de formas diferentes em cada um. Não rotule a pessoa com deficiência por ter uma deficiência mais ou menos aparente ou evoluída, tendo como parâmetros os seus achismos e seus pontos de vista.





■ O que é passabilidade?

A passabilidade surge na pergunta indesejada: “Nossa! Mas você é uma pessoa com deficiência? Você nem parece!”. A passabilidade acontece quando pessoas com deficiência não são consideradas pessoas com deficiência e, por isso, conseguem passar por certos ambientes sem sofrer capacitismo. A passabilidade também tem a ver com o tamanho da aceitação, como se aceitação pudesse ter uma medida exata. Por

exemplo, quanto mais invisível a deficiência ou quanto menos estranha a pessoa aparentar, mais aceita ela poderá ser em determinados ambientes.

A passabilidade também pode ser identificada pela independência e autonomia que as pessoas com deficiência conseguem ter de escolher os rumos da sua própria vida, dado ao preconceito de que pessoas com deficiência são historicamente sempre dependentes

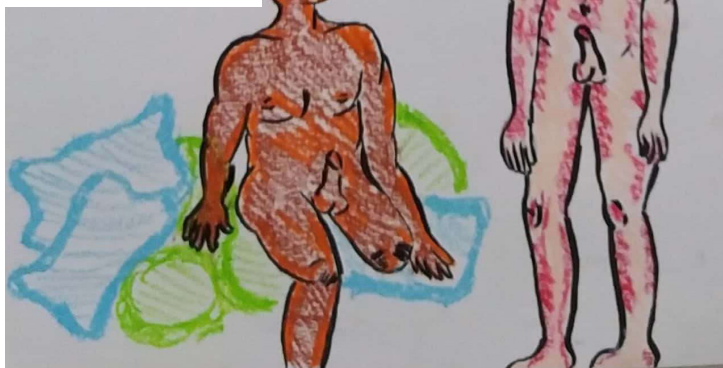
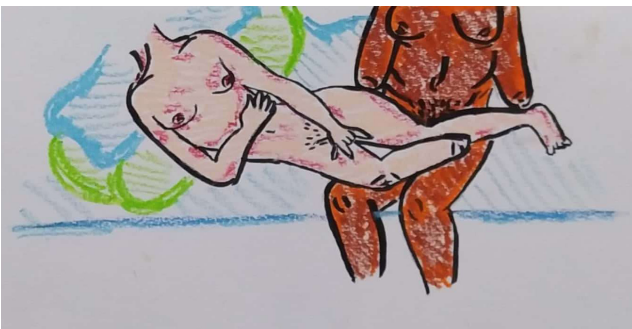
de outras para sobreviver, se locomover, se comunicar, etc.

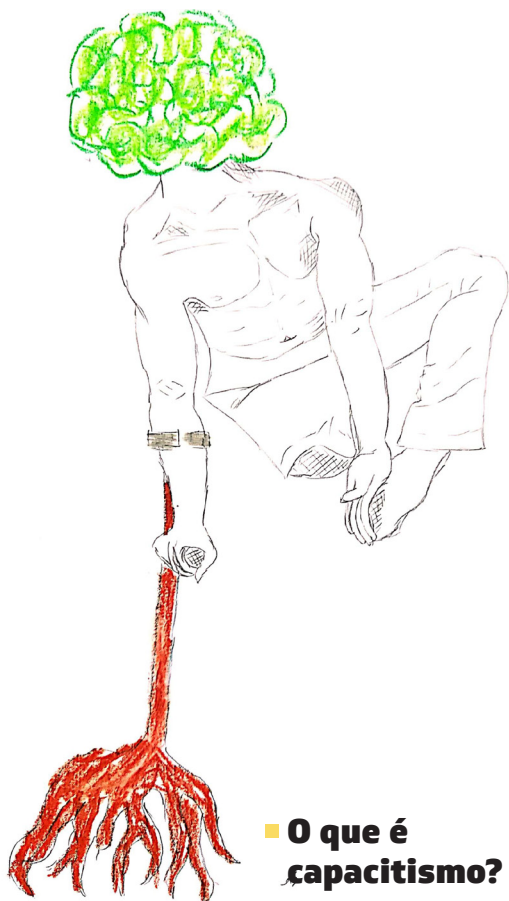
A passabilidade, atualmente, também gera um lugar alheio dentro da luta das pessoas com deficiência, pelo mesmo motivo de serem pessoas com deficiência que conseguem passar por certos ambientes sem sofrer “tanto capacitismo em comparação” a pessoas com deficiência que não tem essa passabilidade.

A passabilidade também é discutida na cultura LGBTQIAP+ e

na cultura negra, por pessoas trans e pessoas pretas, que conseguem passar por certos ambientes sem ser rotulados ou taxados de trans e/ou pretos. Da mesma forma (ainda que de diferentes formas), a passabilidade também acontece com pessoas com deficiência e dentro da própria cultura DEF.

A manifestação de passabilidade para alguns e para outros não, também uma forma de preconceito e capacitismo.





■ O que é **capacitismo?**

É o preconceito contra qualquer pessoa que fuja de um corpo padrão e normativo idealizado a partir dos conceitos de beleza, saúde e funcionalidade. Ou seja, capacitismo é, principalmente, o preconceito contra pessoas com deficiência. Esse preconceito se manifesta de diversas maneiras. É capacitismo achar que pessoas com deficiência são incapazes de

estudar, trabalhar, namorar, transar, se divertir, rir e até de sentir dor. É capacitismo desumanizar pessoas com deficiência. É capacitismo considerar que a deficiência é um problema ou karma. É capacitismo tratar pessoas com deficiência com voz infantilizada como se adultos com deficiência ainda fossem crianças. É capacitismo falar ou perguntar para a pessoa que acompanha a pessoa com deficiência ou intérprete, quando a fala ou pergunta for direcionada para a pessoa com deficiência. É capacitismo a utilização de termos pejorativos ou apelidos dados à pessoa com deficiência por causa do seu tipo de deficiência. É capacitismo remunerar com salários menores pessoas com deficiência que ocupam os mesmos cargos e funções que pessoas sem deficiência. É capacitismo o excesso de cuidados e proteções para com pessoas com deficiência. É capacitismo tratar pessoas com deficiência como se as mesmas fossem exemplo de superação. É capacitismo projetar suas dores, fraquezas e frustrações

na pessoa com deficiência. É capacitismo subestimar ou superestimar pessoas com deficiência. É capacitismo tomar decisões sobre as escolhas da própria pessoa com deficiência em relação a si ou não considerar que o seu “não” é “não” ou

que o seu “sim” é “sim”. É capacitismo invisibilizar, esconder ou silenciar uma pessoa com deficiência. É capacitismo não ter rampas, elevadores, intérpretes, portas largas, barras, pisos táteis, entre outros.

■ O que é acessibilidade atitudinal?

Acessibilidade atitudinal é sobre a percepção e a sensibilidade no trato para com as pessoas com deficiência: sem preconceitos, mistérios, tabus, estigmas, estereótipos e discriminações.

Todos os demais tipos de acessibilidade (arquitetônica, co-

municacional, digital e pedagógica) estão relacionados à acessibilidade atitudinal. Através das atitudes, atendimentos, tratos sensíveis e atenções específicas para cada pessoa, que removeremos o peso das barreiras da exclusão.



ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS

Deficiência auditiva



- **Todo surdo se comunica em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)**

- **O que é deficiência auditiva?**

É a perda bilateral, parcial ou total da audição. A pessoa pode nascer com deficiência auditiva ou pode ser adquirida por uma doença, acidente ou violência. A surdez pode ser leve, moderada ou total.

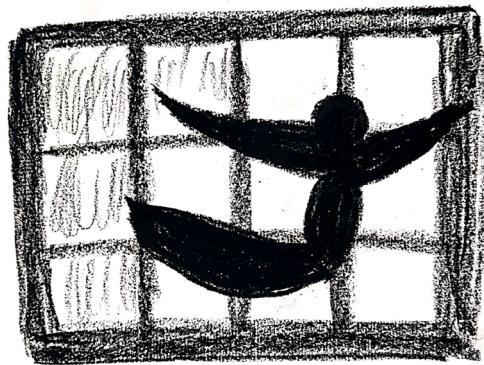
- **Como é o termo correto?**

Surdo, surda ou pessoa com deficiência auditiva.

- **O termo surdo-mudo é correto?**

Não. O aparelho auditivo nada tem a ver com o aparelho fonador. Muitos surdos produzem sons e, inclusive, são oralizados e falam português.

Não. A cultura surda também tem a sua diversidade. Existem surdos que leem, escrevem e falam em Português, esses são os surdos oralizados, que também fazem leitura labial; existem surdos que se comunicam em LIBRAS; e existem surdos bilingues, que se comunicam em LIBRAS e em Português.



■ **Como eu me comunico com uma pessoa surda?**

É importante se posicionar de frente para ela. Acene ou, no máximo, toque levemente no braço para que ela volte a atenção para você. O contato visual é essencial, tanto para a comunicação em LIBRAS, como também para a leitura labial. Lembrando que, ao desviar o olhar da pessoa surda, pode ser um sinal de que a conversa terminou, por isso, também a importância de estar atento ao contato visual.

■ **Eu preciso falar mais devagar ou mais alto?**

Não. Fale com a sua velocidade e com o seu volume normal, a não ser que seja solicitado para falar mais devagar ou mais alto.

■ **Eu estou inseguro na comunicação, como falo sobre isso?**

Pergunte: “Eu estou ajudando?” “Estou conseguindo me fazer entender?”, “O meu tom de voz e o meu ritmo de fala estão bons pra você?”. Essas perguntas nunca são demais e abrem um espaço para que as duas pessoas se adaptem juntas nessa relação de comunicação.

■ **Como proceder quando a pessoa surda estiver com um intérprete ao seu lado?**

Fale diretamente com a pessoa surda. O intérprete fará o seu papel de intérprete e mediará a comunicação, pois se o assunto for entre você e a pessoa surda, converse olhando para a pessoa surda.



■ Como proceder quando a pessoa surda usa aparelho auditivo ou um implante coclear?

Não grite e nem fale muito alto. Esses aparelhos servem como um amplificador do som. Então, no caso de sons altos, a pessoa surda ficará incomodada.

■ Como eu faço para dizer que não entendi o que a pessoa surda falou?

Explique a sua situação e, caso seja preciso, priorize perguntas nas quais a resposta seja sim ou não. Se não conseguir falando em Português ou sinalizando em LI-

BRAS, recorra a mensagens de textos via papel ou celular.

■ Como proceder quando a pessoa é surda e cega?

A pessoa com surdocegueira geralmente precisa de ferramentas específicas para se relacionar e se comunicar, como por exemplo, recursos táteis e multissensoriais, máquina de estenótipo (que é uma máquina de taquigrafia ou gravador de esteno, que tem um teclado ou máquina de escrever em corda especializado usado pelos estenógrafos para uso em taquigrafia), transcrição de textos em Braille e acompanhamento de um guia intérprete.

Deficiência visual

■ O que é deficiência visual?

É a perda total ou parcial da visão.

■ Como são os termos corretos?

Cego, cega, pessoa cega, pessoa com baixa visão ou pessoa com deficiência visual.



■ O que é uma pessoa com baixa visão?

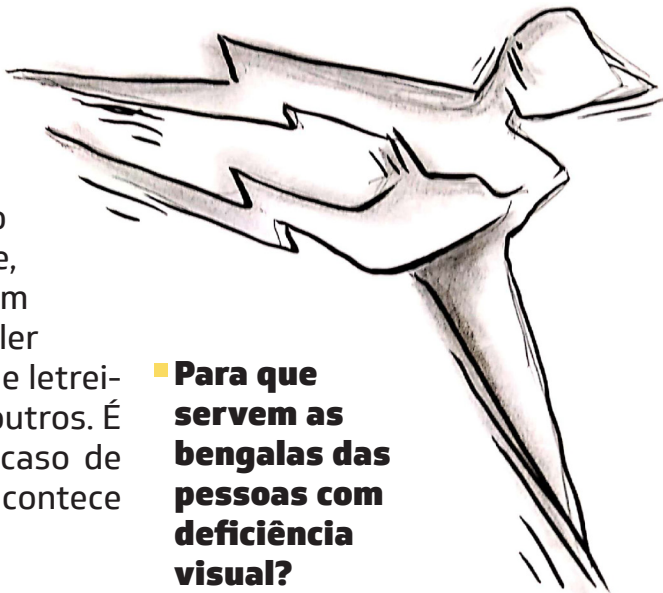
São pessoas que não conseguem enxergar com foco e nitidez, mesmo usando óculos, lentes de contato ou fazendo cirurgias. Existem vários níveis e intensidades de baixa visão, algumas pessoas veem grande

parte escura, outras tem um foco de visão bem pequeno e central ou lateral, algumas pessoas conseguem ver o celular com alta luminosidade e com letras grandes. Contudo, existem níveis de baixa visão em que a pessoa não consegue andar sozinha por não reconhecer o espaço visualmente, outras não conseguem reconhecer rostos, ler placas de sinalização e letreiros de ônibus, entre outros. É muito singular cada caso de como a baixa visão acontece em cada pessoa.

■ **Para que servem as bengalas das pessoas com deficiência visual?**

As bengalas são uma extensão tátil cinestésica da pessoa com deficiência visual e servem para evitar possíveis acidentes e colisões. Contudo, nem todos os usuários da bengala se adaptam ao uso. Cada cor da bengala possui um significado específico: a bengala branca indica que a pessoa possui cegueira total;

a bengala verde indica que a pessoa possui baixa visão; a bengala vermelha indica que a pessoa tem surdocegueira total ou parcial.



■ **Para que servem as bengalas das pessoas com deficiência visual?**

Algumas pessoas com deficiência visual se sentem mais seguras, confiantes e independentes com a bengala. Contudo, outras pessoas com deficiência visual se sentem limitados e não se adaptam à bengala. Não se meta na escolha sobre a usabilidade da bengala. Usa a bengala a pessoa cega ou com baixa visão que achar que deve usar no momento em que achar necessário.

■ **Como eu faço para ser guia de uma pessoa com deficiência visual?**

Primeiro, pergunte se ela precisa de ajuda para ser guiada. Se ela não precisar, fique tranquilo. Se ela precisar, pergunte se pode colocar a mão direita da pessoa no seu ombro, braço ou cotovelo direito, ou a mão esquerda no seu ombro, braço ou cotovelo esquerdo. Assim, você andar­á pelo espaço e a pessoa com deficiência visual estará logo atrás de você, evitando possíveis colisões com eventuais obstáculos do espaço. Nunca pegue uma pessoa com deficiência visual pelo braço, pois pode assustá-la e ser invasivo. Quando for sair ou se afastar, avise.

■ **Como eu faço para me comunicar com uma pessoa com deficiência visual?**

A comunicação é uma das formas pelas quais pessoas e culturas interagem. A deficiência visual nada tem a ver com a deficiência auditiva, então é possível falar e escutar em português. No caso da comunicação escrita e da

leitura, muitas pessoas cegas e com baixa visão utilizam-se do Braille.

■ **O que é Braille?**

É um sistema de comunicação tátil ou sinalização codificada por pontos em alto relevo utilizado pelas pessoas com deficiência visual.

■ **Todas as pessoas cegas sabem ler e escrever em Braille?**

Não. Nem toda pessoa com deficiência visual lê e escreve em Braille. É importante lembrar do fator de que muitas pessoas não nascem com a deficiência visual, mas se tornam. Então, nesses casos, a pessoa era vidente e provavelmente já estava familiarizada com a leitura com o alfabeto. Vale ressaltar também, outros modos e ferramentas que podem ser utilizados pelas pessoas com deficiência visual como por exemplo: dispositivos multimídia, leitores de tela com vozes digitalizadas, caracteres ampliados, cores com altos contrastes ou em negativo, linguagem escrita e oral, sistemas auditivos, entre outros.

■ Existem pessoas cegas e surdas?

Sim. O termo correto para se referir a essas pessoas são pessoas com surdocegueira. Geralmente, as pessoas com surdocegueira precisam de ferramentas específicas para se relacionar e se comunicar, como por exemplo, recursos táteis e multissensoriais, máquina de estenótipo (que é uma máquina de taquigrafia ou gravador de esteno, que tem um teclado ou máquina de escrever em corda especializado usado pelos estenógrafos para uso em taquigrafia), transcrição de textos em Braille e acompanhamento de um guia intérprete.

■ O que é audiodescrição?

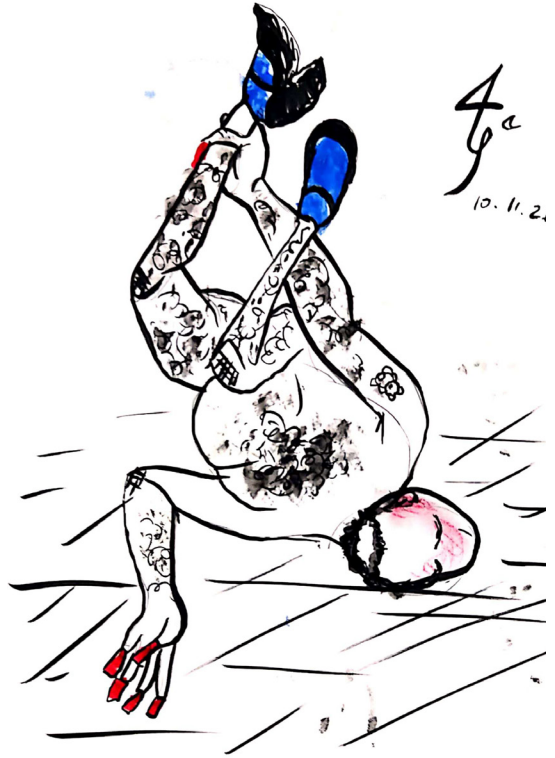
É a construção de uma linguagem a partir de imagens descritas e narradas para a língua-mãe falada (no caso do Brasil, o português). Vale ressaltar que a audiodescrição não devolverá a visão para pessoas cegas ou com baixa visão, mas a audiodescrição amplia a fruição tanto das pessoas com deficiência visual como também das pessoas sem deficiência, pois ela atua como uma linguagem tanto no repasse de informações como também na percepção e fruição da imagem.



Deficiência Física

■ O que é deficiência física?

É uma alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano que pode estar relacionada ao desenvolvimento do bebê durante a gestação, doenças, infecções ou pode ser adquirida por doenças, acidentes ou violências (como, por exemplo, acidentes de trabalho, automobilístico ou violência urbana e doméstica; consumo de drogas; má alimentação e sedentarismo; contato com substâncias tóxicas; escassez de higiene e saneamento básico) Segue alguns exemplos de deficiência física: paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, artropatia, amputação, paralisia cerebral, ostomia, nanismo, malformação congênita ou adquirida.



■ Qual é o termo correto?

Pessoa com deficiência física. Os termos mais específicos variam, pois existem milhares de deficiências: cadeirante, pessoa com hemiparesia, pessoa com nanismo, etc. É importante lembrar da preposição “com” ao se referir à deficiência da pessoa, pois assim ficamos cientes sempre de que a deficiência é também mais uma característica que compõe a pessoa.

■ Como devo ajudar uma pessoa com deficiência física?

Primeiro, pergunte se ela precisa de ajuda. Se não precisar, fique tranquilo e siga sua vida.

■ O que é uma cadeira de rodas?

A cadeira de rodas é uma extensão do corpo do cadeirante, pois é com ela que ele se locomove na maior parte das vezes. Não toque ou empurre a cadeira de rodas, se não for solicitado ou permitido, pois pegar na cadeira, é pegar numa extensão do corpo da pessoa, fazendo com que seja uma ação invasiva, mal educada e agressiva.



descida, muitos cadeirantes se sentem mais seguros e preferem que a pessoa que está dando uma assistência a sua locomoção desça na sua frente (ou freando a descida de ré, com a cadeira virada de

costas, ou com o cadeirante de frente mesmo e freando a descida, segurando no braço da cadeira). Nunca é demais perguntar como a pessoa prefere descer. Então, na dúvida, pergunte.

■ O que são muletas?

São suportes que facilitam a locomoção da pessoa com deficiência. Elas também são uma extensão do corpo da pessoa, então, muito cuidado para não pegar, se não for permitido, ou colidir com as muletas. Muitas pessoas que utilizam muletas, quando estão sentadas, colocam as muletas ao lado da sua cadeira ou encostadas na mesa ou na parede, mas sempre no alcance das mãos.

■ Como ajudar um cadeirante a subir e descer numa rampa?

Primeiro, pergunte se ele precisa de ajuda. Se sim, na subida empurre convencionalmente a cadeira de rodas por trás. Na



Não retire a muleta do alcance da pessoa que a utiliza. Também é preciso estar atento para não derrubar, ignorar ou tropeçar nas muletas, pois como dito anteriormente, ela é uma extensão do corpo da pessoa com deficiência e isso pode ser uma ação invasiva, mal educada e agressiva.

■ **Todas as pessoas amputadas ou que nasceram com uma alteração parcial ou total de um membro utilizam próteses?**

Não. Para algumas pessoas a prótese incomoda, pesa e, inclusive, dificulta a locomoção. Para outras pessoas a prótese é essencial para o seu bem-estar e para a sua locomoção. Quem deve escolher e decidir usar prótese é a própria pessoa que achar necessário esse uso, não se meta na autonomia de escolha da pessoa usar ou não.

■ **As pessoas com deficiência física necessariamente precisam de cadeira de rodas, muletas ou próteses?**

Não. As deficiências tanto se manifestam de uma forma muito singular em cada

pessoa como também as necessidades variam de pessoa para pessoa. Há pessoas com deficiência que não precisam de nenhuma dessas três extensões: cadeira de rodas, muletas ou próteses. Há pessoas com deficiência física que utilizam bengalas, há outras que utilizam uma tipoia ou um suporte para conter movimentos involuntários de algum membro, há outras que utilizam aparelhos corretivos na coluna, pernas ou braços, há pessoas que utilizam outras possibilidades de extensões ou suportes. Contudo, há também pessoas com deficiência que não utilizam absolutamente nada de extensões ou suportes e seguem se adaptando diariamente da forma como são, como conseguem e como podem. Não se meta na escolha da pessoa de usar ou não usar de algumas dessas extensões ou suportes. A autonomia dessas escolhas só diz respeito e só cabe à decisão da própria pessoa com deficiência.

Deficiência intelectual

■ O que é uma deficiência intelectual?



A deficiência intelectual tem a ver com o funcionamento intelectual significativamente diferente da média e também com limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, como: comunicação; cuidado pessoal; habilidades sociais; utilização da comunidade; utilização dos recursos da comunidade; saúde e segurança; habilidades acadêmicas; lazer; e trabalho. São exemplos de deficiência intelectual: síndrome de down, síndrome do X-frágil, síndrome de Prader-Willi, síndrome de Angelman, síndrome de Williams, entre outras.

■ A deficiência intelectual é uma doença?

Não. A deficiência intelectual é uma característica da pessoa. É importante desmistificar o fato de que pessoas com deficiência intelectual são as únicas que possuem uma série de limita-

ções, pois, sabemos que todos os seres humanos possuem limitações diferentes e diversas que podem ser trabalhadas e desenvolvidas através de estímulos no desenvolvimento, formações sensíveis e singulares

para o ensino e para aprendizagem e adequações de situações pessoais, pedagógicas, sociais e profissionais. Para isso, é importantíssimo pensar na acessibilidade atitudinal atuando primordialmente nas singularidades e especificidades da convivência, tratos e oportunidades democráticas e acessíveis para pessoas com deficiência intelectual, pois a adaptação precisa ser constituída de uma via de mão dupla entre a pessoa com e a pessoa sem deficiência.

■ Como devo orientar uma pessoa com deficiência intelectual?

As orientações devem ser ditas com clareza e o tratamento deve ser com respeito e dignidade como o tratamento dado a qualquer outra pessoa com ou sem deficiência.

■ **O que é síndrome de down?**

É um terceiro cromossomo 21 a mais no DNA de todas as células. Essa alteração genética acarreta uma série de características diferentes em cada pessoa, embora tenham algumas características físicas que se assemelham em diferentes níveis como: olhos oblíquos, rosto arredondado, mãos menores, baixa estatura e diminuição do tônus muscular.

É importante saber que a pessoa com síndrome de down não se resume apenas à alteração genética do cromossomo 21, pois a deficiência é apenas uma característica da pessoa e, por isso, existem outras heranças genéticas recebidas de seus familiares, da sua cultura e de sua sociedade.

■ **O autismo (Transtorno do Espectro Autista – TEA) é uma deficiência intelectual (DI)?**

Não. Existem duas discussões à tona recentemente sobre essa diferença: há quem se baseie nos dados de que o Transtorno do Espectro Autista não é uma deficiência, nem uma doença:

é um transtorno; e há quem se baseie no Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/12) § 2º, na qual a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

Contudo, pessoas com TEA podem desenvolver comorbidades. Há uma linha bastante tênue entre o TEA e a DI. Cerca de 70% das pessoas autistas possuem algum nível de deficiência intelectual. O autismo tem a ver com desenvolvimento neurológico, incluindo habilidades motoras, comportamentos restritivos e repetitivos, comportamentos sensoriais incomuns, dificuldade de fala e linguagem, de capacidade cognitiva, de interação social e excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados. Já na deficiência intelectual, há outras características de dificuldade de raciocínio, de compreensão de ideias, resolução de problemas e também habilidades cognitivas e motoras. Pelo que compreendemos das discussões, a diferença entre uma e outra consegue ser identificada, principalmente, na questão genética.



Que pode ser aplicada pena de reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos e multa aqueles que praticarem, induzirem ou incitarem discriminação de pessoa em razão de sua deficiência. Art. 88 da Lei nº 13.146/2015. Estatuto da Pessoa com Deficiência.



Quer saber mais?

Nada Sobre Nós Sem Nós



**LBI
Lei Brasileira de Inclusão**



Guia sobre a LEI Brasileira de Inclusão



Lei Berenice Piana



Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 – 2011



Tradutor para Braille



Anexo I

■ Processo formativo e criativo das ilustrações da cartilha



Os desenhos desse material foram elaborados em um processo criativo durante um curso de “CRIAÇÃO, APRECIÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO EM DESENHO”, destinado aos alunos e alunas do CCBJ e (outro público direcionado). As aulas aconteceram no início de novembro, em formato híbrido: presencial e virtual.

O professor convidado foi o arte educador e professor do curso básico de desenho do Museu da UFC (MAUC), Vinícius Santos Ribeiro que trouxe o uso da técnica de puros contornos com materiais convencionais (giz pastel, grafite e carvão) e materiais não convencionais (esmalte de unha, linha de costura e delineador).



O assessor em acessibilidade do CCBJ, João Paulo Lima destaca que a Cartilha promove a todos os leitores (as) novas práticas e discursos sobre a deficiência, desfazendo esse grande abismo que atormenta e destitui a diversidade e possibilidades dos diferentes modos de existir no mundo. Ele reforça que a carti-

lha é uma iniciativa que otimizou o conteúdo em perguntas, respostas, dicas, modos de agir, acionando o anticapacitismo, seja em nossas falas, escutas, ações e aproximações. Acompanhem algumas imagens desse processo formativo.

Anexo II

Ilustradores



**Vinicius Santos
Ribeirinho**
@umartistaemergente



**Isabella
Almeida**
@isalabrys



**Vicença
Soledade**



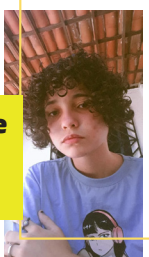
Paula Paulino
@4luap.art



**Giovana
Alencar**
@g.iiovana



**Georgiane
Carvalho**
@rosazuul
@encantodas.aguas



Thayssa Abrante
@amufinada
@_olhosabertos_



Lucas Arão
@arao.studio



Redes Sociais de Protagonistas DEFs

Amanda Lyra
@amandalyraoficial

Ana Clara Moniz
@anaclarabm

André Luiz Gomes
eternoaprendiz.net

Ariadne Antico
@ariadne_dida

Billy Saga
@billysaga

Cacai Bauer
@cacaibauer

Daniel Gonçalves
@danielgoncalves

Daniel Massafera
@daniimassafera

Danilo Gurgel
@danilogurgelsanfona

Ednilson Sacramento
@sacramentoednilson

Edu Oliveira
@eduimpro

Estela Laponi
@estelapponi

Fabio Passos
@fabiopassosarte

Felipe Mianes
@felipemianes

Gabriel Brito
@olhar_sob_rodas

Giovane Venturini
@gioventurini

Gustavo Ferreira
@eugostavo

Gustavo Portela
@gustavoportela

Italo Oliveira
@italoliveiraof

Ivan Baron
@ivanbaronn

Jania Santos
@janiasantos_

João Bosco de Farias
@joao_bosco_de_farias

Jefferson Eragon
@jeffersoneragon

Jessica Teixeira
@ela.jessicateixeira

Jhonny Sousa
@soujhonnysouza

Joselma
@joselma7585

Kitana Dreams
@kitanadreams

Lorena Eltz
@lorenaeltz

Marcos Abranches
@abranchesmarcos

Marcos Lima
@historiasdecego

Mariana Torquato
@marianatorquato

Mauro Reis Albuquerque
@reismaur

Michele Simões
@micsimoes

Milton Carvalho
@miltoncarvalho81

Natalia Rocha
@nataliarochaartista

Paola Antonini
@paola_antonini

Pedro Fernandes
@mundopedrofernandes

Priscila Siqueira
@priscisiqueira

Samuel Henrique
@sandrinhasilvac

Sandra Silva
@sandrinhasilvac

Vanessa Cornélio
@vanessacorneliobr

Victor di Marco
@victordimarco

Vinicius Sardi
@vinisardi

Virginia Oliveira
@vigmia

Yzalu
@yzalu

Zizi Telecio
@zizitelecio



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

CAMILO SOBREIRA DE SANTANA
Governador do Estado do Ceará

MARIA IZOLDA CELA DE ARRUDA COELHO
Vice-Governadora do Estado do Ceará

SECRETARIA DA CULTURA DO CEARÁ

FABIANO DOS SANTOS PIÚBA
Secretário da Cultura

LUISA CELA DE ARRUDA COELHO
Secretária Executiva da Cultura

MARIANA BRAGA TEIXEIRA
Secretária de Planejamento e Gestão Interna da Cultura

INSTITUTO DRAGÃO DO MAR

RACHEL GADELHA
Diretora-presidenta

ADRIANA VICTORINO
Diretora de Planejamento e Gestão

ELISABETE JAGUARIBE
Diretora de Formação e Criação

LENILDO GOMES
Diretor de Articulação Institucional

CENTRO CULTURAL BOM JARDIM

MARCOS LEVI NUNES
Gestor Executivo

BENJAMIM LUCAS
Assistente de Gestão

JOÃO PAULO LIMA
Assessor de Acessibilidade

ESCOLA DE CULTURA E ARTES CCBJ

JOAQUIM ARAÚJO
Gerência da Escola de Cultura e Artes

KELLY ENNE SALDANHA
Coordenação de Teatro

RÚBIA MÉRCIA DE OLIVEIRA
Coordenação de Audiovisual

PEDRO ERNESTO
Coordenação de Música

SILVANA MARQUES
Coordenação de Dança

DIÊGO DE LIMA BARROS
Coordenação de Cultura Digital

RAIANY ARAÚJO
Assistente Pedagógica Acessibilidade

MEL ANDRADE
Assistente Pedagógica Teatro

PALOMA BEZERRA
Assistente Pedagógica Dança

DIEGO FURTADO
Assistente Pedagógico Música

NAYANA SANTOS
Assistente Pedagógica Audiovisual

FELIPE BRAGA
Assistente Pedagógica Cultura Digital

MARCELLO DE SOUZA
Coordenação do Ambiente Virtual
de Aprendizagem

JOÃO PAULO BARROS
Assistente do Ambiente Virtual de
Aprendizagem

GABRIELLA BRAGA
Assistente do Ambiente Virtual de
Aprendizagem

VITÓRIA SÂMEA
Intérprete

GRACIELLY ALVES
Intérprete

COMUNICAÇÃO CCBJ

ISABEL MAYARA GOMES
FERNANDES BRASIL
Gerente de Comunicação

JOSILENE BESERRA
Videomaker

BEIJAMIM ARAGÃO
Videomaker

LULY PINHEIRO
Videomaker

ADÉLIA FARIAS
Social Media

FLÁVIA ALMEIDA
Fotógrafa

RENÊ MENDES
Designer

ALANA OLIVEIRA
Intérprete de Libras

BRUNA DE CÁSSIA
Intérprete de Libras

ARIEL FERREIRA
Intérprete de Libras

SARAH OLIVEIRA
Intérprete de Libras

PAULO REGIS
Webmaster

EDUARDO TAVARES
Estagiário de Ensino Médio

EQUIPE TÉCNICA DO PROJETO

VINICIUS SANTOS RIBEIRINHO
Edição

VINICIUS SANTOS RIBEIRINHO
Ilustração da Capa

ISABELLA ALMEIDA
ilustração da Contracapa

NETA
Ilustração da apresentação

GEORGIANE CARVALHO
GIOVANA ALENCAR

ISABELLA ALMEIDA
LUCAS ARÃO

PAULA PAULINO
THAYSSA ABRANTE
VICENÇA SOLEDADE

Ilustrações da cartilha

JOÃO PAULO LIMA
Apresentação e revisão textual

JÉSSICA TEIXEIRA
Coautoria e organização de textos

AGRADECIMENTOS

MARCOS LEVI NUNES

JOAQUIM ARAÚJO

DIEGO FURTADO

